

O problema da compreensão oral no ensino aprendizagem dos alunos de ensino fundamental II

Adroaldo Rodrigues Macedo¹
Raiane Garcia Samias²
Ilma Marques Obando³

RESUMO: O presente artigo objetiva entender as dificuldades dos alunos de 9º ano em sala de aula no desenvolvimento da compreensão oral e escuta. Nesse estudo foi aplicado um projeto de abordagem qualitativa para conhecer de perto a situação abordada nesta pesquisa ação: como a oralidade pode influenciar no resultado do processo de formação e desempenho do aluno na questão da escuta? Dessa forma, discutiu-se dois eixos a escuta como objeto principal de pesquisa e a oralidade como um problema a ser entendido. No estudo evidenciou-se a escuta como a falta de prática na aprendizagem dos alunos dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Compreensão oral. Escuta. Desempenho. Ensino aprendizagem.

RESUMEN: El presente artículo objetiva entender las dificultades de los alumnos de 9º año en la clase en el desarrollo de la comprensión oral y escucha. En este estudio se aplicó un proyecto del abordaje cualitativo para conocer de cerca la situación dirigido en esta investigación: ¿cómo la oralidad puede influenciar en el proceso de formación y desempeño del alumno en la cuestión de la escucha? de esa forma, se discutió dos ejes a escucha como objeto principal de investigación y la oralidad como un problema a ser entendido. En el estudio se evidenció la escucha como la falta de práctica en el aprendizaje de los alumnos y fuera de la escuela.

Palabras-clave: Comprensión oral. Escucha. Rendimiento. Enseñanza aprendizaje.

Introdução

Este trabalho elenca o ensino e a aprendizagem dos alunos de nível fundamental II para apontar o problema da compreensão oral em uma escola da cidade de Tabatinga. A pesquisa ação de abordagem qualitativa foi realizada na Escola Municipal Jociêdes Andrade através de um plano de aula, que aqui chamar-se á de ação metodológica, com uma turma específica de 9º ano com 41 alunos na disciplina de Língua Portuguesa, com observações diretas, entrevistas com alunos e professora em forma de questionário com perguntas abertas e fechadas, discussão coletiva, análises sobre a escuta dos alunos e suas dificuldades em compreender assuntos abordados em sala.

¹ Acadêmico do curso de Letras – Língua Portuguesa – CSTB/UEA

² Acadêmica do curso de Letras – Língua Portuguesa – CSTB/UEA

³ Professora Orientadora – CSTB/UEA, Mestranda em Ciências e Meio Ambiente - UFPA

O projeto trata do problema da escuta dos alunos, não pela questão de serem deficientes auditivos, mas pelo motivo da falta de atenção e compreensão oral em sala de aula. O objetivo desta pesquisa é entender as dificuldades dos alunos concludentes do ensino fundamental II com relação à compreensão oral e escuta.

De acordo com as observações feitas no ambiente pesquisado, percebeu-se que essa questão não é uma preocupação dentro da escola, mas existem professores ainda preocupados com os alunos, por esse motivo tornou-se um problema a ser abordado: como a oralidade pode influenciar no resultado do processo de formação e desempenho do aluno na questão da escuta?

O tema causou interesse pelo fato de o aluno não saber se expressar e apresentar dificuldade em compreender cada assunto aplicado em sala de aula, o mesmo é reconhecido como um problema por eles mesmos, porém não é trabalhado por alguns educadores de forma específica e “o trabalho didático de análise linguística a partir dessas considerações se organiza tendo como ponto de partida a exploração ativa e a observação de regularidades no funcionamento da linguagem” (BRASIL, 1997, p, 54).

O problema foi questionado a partir de observações realizadas em contato com os alunos nos estágios supervisionados e através da ação metodológica realizada em sala de aula com a turma escolhida, é notório que os alunos apresentam dificuldades em formular ideias e exprimir suas compreensões. Continua-se aqui enfocando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que:

Trata-se de situações em que se busca a adequação da fala ou da escrita própria e alheia, a avaliação sobre a eficácia ou adequação de certas expressões no uso oral ou escrito, os comentários sobre formas de falar ou escrever, a análise da pertinência de certas substituições de enunciados, a imitação da linguagem utilizada por outras pessoas, o uso de citações, a identificação de marcas da oralidade na escrita e vice-versa, a comparação entre diferentes sentidos atribuídos a um mesmo texto, a intencionalidade implícita em textos lidos ou ouvidos, etc. (1997, p.54) .

A importância de compreender o que é ouvido e compreendido foi a temática destacada neste projeto, pelo motivo de ter pouca importância em sala de aula, pois tem alunos que realmente não se interessam, estão distraídos com aparelhos eletrônicos, o celular por exemplo, e outros que não têm incentivo dentro e fora de casa, isso gera desinteresse na maioria dos alunos e implica no desenvolvimento educacional, dificultando a interação em oralizar e compreender o educador, afetando seu ensino-aprendizado desde o ensino fundamental ao ensino médio, repercutindo talvez em todo o seu futuro.

1. A preocupação no ensino aprendizagem dos alunos

Esta pesquisa mostra grandes desafios enfrentados pela questão abordada do projeto, que foi apontar o motivo que leva alunos apresentarem problemas com a oralidade, sendo que eles demonstram pouco interesse nas aulas de Língua Portuguesa e o porquê não param para ouvir o educador. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

[...] o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. (BRASIL, 1997 p. 19)

Isso implica bastante na sua aprendizagem, e a Língua Portuguesa como disciplina regular tem o objetivo de ajudar esses alunos, a Base Nacional Comum Curricular (2018, p.7) enfoca que “todos os alunos devem desenvolver-se ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento [...]”. Preocupados com a educação do futuro, a enfrentar e solucionar este processo de aprendizado no ensino fundamental II, vale ressaltar que:

O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VIGOTSKY, 2007, p. 20)

Os parâmetros focam muito em organizar essas dificuldades e mostram a referência que se tem do ensino fundamental na questão de aprendizado, também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza sobre o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Vale ressaltar a preocupação em si quando Vigotsky cita que o primeiro caminho é mostrado e direcionado por outra pessoa para poder o aluno se encontrar, quando se fala de educação o alvo é sempre os alunos e com isso novamente os parâmetros curriculares, ressaltam as dificuldades que enfrentam para solucionar esses empasses focado no momento que é o estudo sobre o ensino fundamental de preferência ao 9º ano (antiga oitava série):

Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais — inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres — estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade expressa-se com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série (BRASIL, 1997, p. 19).

Freire também preocupa – se com os alunos no seu ensino educacional, enfoca que não existe ensino se não há aprendizagem, ou seja, para que se tenha êxito no ensino é necessário

um complexo aprendizado, realmente precisa de alguém para ensinar e aprenda antes de tudo o que quer repassar e outros para aprender, e futuramente possa ensinar o aprendizado de hoje. É preciso reinventar-se, interagir, inovar e se adequar ao meio social buscando atingir o melhor desenvolvimento, pois na medida em que se avança a aprendizagem evolui-se o ensino. Sendo assim a Base Nacional Comum Curricular, diz que,

Uma parte considerável das crianças e jovens que estão na escola hoje vai exercer profissões que ainda nem existem e se deparar com problemas de diferentes ordens e que podem requerer diferentes habilidades, um repertório de experiências e práticas e o domínio de ferramentas que a vivência dessa diversificação pode favorecer. (BNCC, 2018, p. 67)

Ensinar e aprender se torna uma tarefa cada vez mais difícil, principalmente quando se refere a sala de aula, pois as pequenas dificuldades na vida dos alunos levam à falta de interesse pelas aulas, o ânimo desgastado e a falta de incentivo e motivação fora da escola que lhes ocasionam um certo desprezo por uma boa parte da população que se acha superior, Freire defende os oprimidos, destacando que:

Não podemos deixar de lado, desprezando como algo imprestável, o que os educandos, sejam crianças, chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão de mundo nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros. (FREIRE, 1998, 85-86)

Por sua vez, a relevância desta pesquisa diz respeito ao conhecimento elevado que conseguiu-se adquirir durante várias observações em sala de aula, refletindo o problema dentro da universidade e no meio social, com isso encontrou-se o interesse pela temática abordada, após várias reflexões percebe-se que o problema não é somente no ensino escolar, mas de interesse social, pois uma vez que não é trabalhado nas series iniciais, repercute por todo o percurso do ensino aprendizagem.

[...] o desenvolvimento ou a maturação é visto como uma pré-condição do aprendizado, mas nunca como resultado dele. Para resumir essa posição: o aprendizado forma uma superestrutura sobre o desenvolvimento, deixando este último essencialmente inalterado. (VIGOTSKY, 2007, p.89).

E como é abordado essa questão da compreensão oral como um problema, percebe-se que a língua não está sendo utilizada de forma adequada, isso causa implicância na comunicação interativa dos alunos e realmente faz-se elencar a questão da escuta que tornou um problema na visão da pesquisa, assim como os PCNs falam que “a língua tem uma relação com a participação social” sabe-se que os questionamentos surgiram através de um problema

não só referido no meio escolar, mas no meio social onde surge a maioria das indagações. Vale aqui ressaltar que:

O processo da fala e da escrita, a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e há seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um 'sine qua' da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável de expressá-la. (FREIRE,1998, p. 131)

Percebe – se que o processo da escuta se inicia a partir do momento em que paramos para ouvir, assim a compreensão é ativada para poder usar a expressividade oral, Freire se posiciona de uma maneira clara e sucinta, para haver diálogo precisa usar a calma e a escuta, ou seja, para que se tenha uma boa comunicação em um diálogo não basta saber ou ter as respostas certas, é necessário se submeter a algumas capacidades como, escutar, esperar o seu tempo, e saber reproduzir suas ideias e sentimentos de maneira clara. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

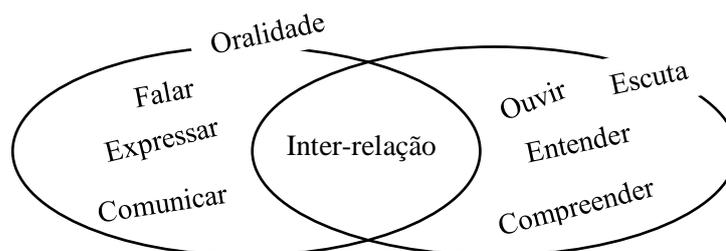
O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (1997, p. 21).

No entanto, quando se trata da escuta e oralidade não se pode considerar que a forma de ensino deve ser exercitada somente dentro da sala de aula, mas pode constatar que é um exercício a ser executado fora da escola também. Não generalizando, mas uma boa parte da sociedade tem culpa de o aluno não saber ter o domínio oral e falta de escuta, pelo fato de não se posicionarem em favor da educação do futuro da sociedade e deixar que eles se virem como querem deixando a responsabilidade só para a escola. Se houvesse preocupação e mais participação dos familiares, a situação educacional não estaria do jeito que está, o reforço sai de dentro de casa para o meio social e se fortalece na escola.

1.1 Oralidade e Escuta

Baseados nos conceitos descritos, os termos oralidade e escuta aqui propostos são entendidos como noções sobrepostas uma a outra e equivalente, ou seja, algo que é dito provoca reações no interlocutor e direciona sua oralidade, mas para que se possa evocar um sentido ao oral, é necessário projetar uma escuta atenta.

Figura 1: sobreposição e equivalência da oralidade e escrita



É cabível dizer que a oralidade tem grande relevância para a vida da sociedade, mas que ainda é pouco trabalhado nas escolas ou pela família que seria o lugar ideal para focar principalmente o aspecto oral “a oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia” (MARCUSCHI, 2001, p. 36), assim possibilitando o melhor desempenho dos alunos ao se expressar em debates ou discussões acerca de determinados assuntos.

Segundo o sociolinguista inglês Michael Stubbs (1986, p. 142), o termo oralidade é usado para “referir habilidades na língua falada”. Compreende tanto a produção (a fala como tal) quanto a audição (a compreensão da fala ouvida). Não se ensina a fala no mesmo sentido em que se ensina a escrita, pois a fala é adquirida espontaneamente no contexto familiar, e a escrita é geralmente apreendida em contexto formais de ensino. A escola pode ensinar certos usos da oralidade, como, por exemplo, a melhor maneira de se desempenhar em público, num microfone, numa conferência, etc. (MARCUSCHI & DIONÍSIO, 2007, p. 33).

Antes havia um certo descompasso entre a escrita e a oralidade, isso devido ao fato em que era privilegiado mais a escrita do que o oral, mas hoje é notório a importância da inter-relação de ambas, principalmente quando se refere ao desenvolvimento do ensino e aprendizagem. A questão oral deve ser enfocada com mais intensidade nas escolas, principalmente com as séries iniciais servindo como base para futuros formadores de opiniões e ideias inovadoras.

Amor (2001) afirma que:

A oralidade é a zona do ensino-aprendizagem da língua em que se pode detectar um maior número de equívocos e a que se dedica menor atenção, realçando que não há um ensino intencional e sistemático do oral, as práticas de observação e avaliação formativa das aprendizagens têm sido, também quase inexistentes.

A BNCC por sua vez destaca um meio prático e inovador para poder chamar atenção dos educandos, quando menciona uma forma de contribuir com novos métodos para a interação dos alunos nas aulas com o novo que surge a cada instante e diz que,

Compreender uma palestra é importante, assim como ser capaz de atribuir diferentes sentidos a um gif ou meme. Da mesma forma que fazer uma comunicação oral adequada e saber produzir gifs e memes significativos também podem sê-lo. (BNCC, 2018, p. 67)

O ambiente escolar deve ser um local em que o professor fala, mas que também saiba escutar e dar possibilidade para o aluno falar e expor suas ideias, pois é com esse método que se prepara para corresponder às complexas exigências futuras. A proposta de trabalhar com a oralidade inclui a leitura, a escrita e a escuta, pois essas abordagens são de grande relevância para que se tenha melhor desempenho na comunicação, escrever com coerência e coesão, não só ouvir, mas saber escutar com atenção, sendo o receptor para que em seguida tenha êxito ao se portar como mediador do conhecimento.

O trabalho com a questão discursiva sobre a oralidade se faz tão importante quanto o da escrita e suas funções estão interligadas, mas as vezes passam despercebidas por alunos, isso porque tanto o material didático como os professores não apresentam essa modalidade de forma específica e objetiva. Pode-se dizer que a oralidade está sempre presente no meio social e se comunicar tanto de forma oral ou escrita estarão fazendo o seu uso. Assim pode-se dizer que a oralidade por mais que se tenha conhecimento de sua importância, hoje ainda existe uma carência sobre o conteúdo em materiais didáticos tratando especificamente do assunto.

Falar sobre a escuta é uma forma simples aos ouvidos de quem presta atenção, pois é somente compreender o que está sendo falado através da sonoridade expressada por alguém que fala. E para haver compreensão é preciso aprender a escutar e não somente ouvir, ou seja, é preciso estar atento para raciocinar e compreender. Por isso, escutar é fundamental para o ensino aprendizagem de melhor qualidade e proveito, porque não basta somente ouvir e entender, tem que escutar e compreender, é a mesma maneira de dizer que estar livre para escutar um sujeito e sua fala. Paulo Freire ressaltava a importância do escutar que vai além da capacidade auditiva de cada sujeito:

Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das ideias. (FREIRE 2002, p. 44)

Quando se fala dos verbos ouvir e escutar logo se pensa que são sinônimos, mas na verdade não são. Ouvir está ligado a questão da audição que é superficial a escuta, trata-se de

entender a captação dos sons pelo ouvido e somente ouvir algo não significa que a informação foi compreendida, segundo a definição no Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, ouvir é “*entender, perceber pelo sentido ouvido*”, geralmente quem só ouve não sabe escutar. Já a escuta é compreender aquilo que se ouve, se envolver com maior vigor no que é transmitido pelo som e saber interpretar o conteúdo falado, a definição de Michaelis para a questão escutar é “*prestar atenção para ouvir; dar atenção a; ouvir, sentir, perceber*”.

A Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 67) ainda menciona que “É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários”. Quem sabe escutar, ouve, mas quem só ouve não sabe escutar de maneira clara e sucinta, que nem aquele velho ditado popular “*entra por um ouvido e sai pelo outro*”, ou seja, soube ouvir, mas não entendeu, porque não escutou com atenção. Saber escutar é se posicionar, ter ideias para expor em uma conversa, como Freire cita, é aprender a discordar, opinar, se opor, é saber se posicionar de forma que o outro entenderá.

Sendo assim, como mostra a figura 1, sobreposição dos termos oralidade e escuta possuem uma inter-relação onde não basta somente dizer que são equivalentes, porque quem faz o uso da oralidade sabe falar com clareza fazendo o interlocutor ouvir, logo sabe que ficar só ouvindo não é o suficiente, ativa o modo escuta e começa a compreender, nesse instante resolve se comunicar também para poder haver diálogo entre os falantes, assim eles passam a entender e se expressar de maneira clara que faz valer apenas aos olhos de quem quer aprender.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Jociêdes Andrade que está localizada na Avenida da Amizade, na cidade de Tabatinga Amazonas, com a turma de 41 alunos de 9º ano A, do Ensino Fundamental II no turno vespertino. A coleta de dados foi através da pesquisa ação e de abordagem qualitativa e quantitativa, um método prático e exploratório encontrado para compreender de perto a situação aqui abordada, realizada com observações diretas.

Durante a ação metodológica realizou-se uma entrevista com os alunos e professora, em forma de questionário individual com perguntas abertas e fechadas, discussões coletivas com as mesmas perguntas do questionário. Foi observado comportamentos e ações dos alunos em sala para poder sustentar um dos objetivos específicos, apresentou-se métodos que não são para solucionar o problema de o aluno não saber ouvir e expor sua própria opinião, mas que deixou o aluno um pouco mais disposto a colaborar com a aula. Ao fazer os levantamentos de dados que realmente mostra a falta da compreensão oral dos alunos, buscou-se repassar

motivações para que os mesmos despertassem um pouco dentro da sala e enfrentassem essa dificuldade abordada neste estudo.

A seleção dos protagonistas como instrumento de pesquisa foi a turma já mencionada, no dia da aplicação contou-se com a presença de 37 alunos, na faixa etária de 13 a 16 anos. Tornou-se motivo de pesquisa por ser conhecida como uma turma problemática, porque os alunos não param para escutar o professor, porque para eles a desordem é mais importante que o aprendizado em sala de aula, é certo que dentro daquela turma tem quatro alunos que se destacam positivamente e são esforçados.

O comportamento da turma foi importante para alcançar o objetivo do trabalho. A criação do projeto na verdade foi iniciada com um plano de aula diferenciado envolvendo a parte lúdica. Primeiramente foi apresentado ao gestor da escola, explicado a proposta que era impulsionar os alunos a se tornarem participativos em sala e deixarem um pouco a brincadeira de lado, pois era o aprendizado deles que estava em jogo. Deve-se ajudá-los para que concluam o fundamental e ensino médio com êxito e busquem a faculdade que desejarem. É melhor motivá-los agora do que esperar mais um pouco e ver a maioria desistindo por falta de interesse. Lembrando que:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. (FREIRE, 1997, p. 26)

As atividades práticas aconteceram de acordo com o quadro abaixo, aula programada e apresentada a coordenação da escola:

Quadro 1: Plano de aula (ação metodológica)

<p>I. Plano de Aula:</p> <p>Data: 09 de outubro de 2018</p> <p>Tempo: 4 horas aula</p>
<p>II. Tema:</p> <p>- O segredo é aprender a escutar para oralizar!!!</p> <p>- Conceito fundamental: A dicção nos causa impacto pelo motivo de parecer um problema para alunos concludentes de ensino fundamental II na questão de se expressar e compreender cada assunto abordado em sala de aula, mas que não é visto por alguns dos educadores e “o trabalho didático de análise linguística a partir dessas considerações se organiza tendo como ponto de partida a exploração ativa e a observação de regularidades no funcionamento da linguagem” (BRASIL, 1997, p, 54).</p>

III. Objetivo geral: Entender as dificuldades dos alunos concludentes de ensino fundamental II na sala de aula no desenvolvimento da compreensão oral e escuta.

Objetivos específicos: Apontar as dificuldades dos alunos concludentes em ouvir e expressar - se

- Verificar fatos que levam a falta de interesse dos alunos em sala de aula
- Diagnosticar e analisar se é trabalhado essa questão da compreensão oral em sala de aula
- Identificar a importância desses fatores para aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

IV. Conteúdo programado:

-Apresentação de todos envolvidos na aula: cada pessoa presente deverá apresentar o colega do lado sendo que estaremos em círculo e a fala do colega dependerá do grau de intimidade entre ambos, e assim vai até fechar o círculo a intenção é que todos falem. (Momento de interação, o quebra gelo)

-Explicação da aula programada: apresentar os motivos que nos levou a estarmos ali tomando o tempo da professora e também explicar nosso propósito de pesquisa.

-Expor o conteúdo sobre oralidade e escuta: Adroaldo abordará a questão da oralidade bem flexível exemplificando sua importância, focalizando o alvo que é a interação deles dentro do conteúdo exposto e Raianeia fará o mesmo, mas abordando a questão da escuta, só que neste caso ela focará na diferença de escutar e ouvir.

-Uma breve discussão coletiva: dentro da discussão terá um exercício para treinar os dois conteúdos exposto oral e escuta, que será as diferentes formas de fala regional, onde terá 6 alunos voluntários par realizar o exercício de leitura, enquanto eles tentam falar de acordo com a fala de cada região os demais irão prestar atenção, após lançamos perguntas sobre o que ouviram, o que conseguiram captar e o que eles não conseguiram entender, a discussão acontece de acordo com o que cada um terá a dizer

-Momento dinamizado para direcionar os alunos a responderem o questionário: deixaremos os alunos a vontade, com um pouquinho de curiosidade para poder entrarem no tema que é “O segredo é aprender a escutar para oralizar!!!” Então fecharemos seus olhos com vendas e colocaremos uma música de fundo para poder se concentrarem, sabemos que nem todos sabem colaborar, mas assim mesmo tentaremos. Após a música faremos perguntas sobre o que captaram da música se conseguiram realmente compreender o sentido da música, ou se estavam mais preocupados em saber o que iria acontecer enquanto estavam de olhos fechados. Após esses questionamentos sobre a música, direcionaremos a eles uma entrevista que serão as mesmas perguntas do questionário e depois de responderem em voz alta tiraremos as vendas dos olhos e direcionaremos todos a responderem o questionário no papel, é até um modo mais fácil para que não tenham dúvidas.

-Aplicação do questionário: responder o questionário escrito de acordo com que responderam em voz alta.

-finalizar: finalizaremos explicando a importância de escutar para poder oralizar.

V. Desenvolvimento do tema:

-Este projeto tem como interesse descobrir o problema da falta de compreensão que os alunos demonstram em sala de aula, principalmente com o objetivo da pesquisa que está sendo abordada que é o saber escutar, assim trabalharemos em prol desta questão, para articular ideias e encontrar resultados favoráveis a este projeto e entender o motivo desta preocupação.

VI. Recursos didáticos:

<ul style="list-style-type: none"> -Lugar fora da sala de aula -As cadeiras -Caixa de som -Vendas para fechar os olhos -Conteúdo sobre as aulas, impresso -Questionários para os alunos e professora, impresso
<p>VIII.</p> <p>- Atividades: exposição de conteúdo oral, questionário com perguntas abertas e fechadas, dinâmica para exercitar a escuta</p>

Fonte: SAMIAS, Raianeia; MACEDO, Adroaldo

O Plano de aula foi aceito pela escola, executou-se e como já dito, obteve-se êxito, pois saiu conforme o esperado e realmente verificou-se os fatores que levam a falta de atenção nas aulas.

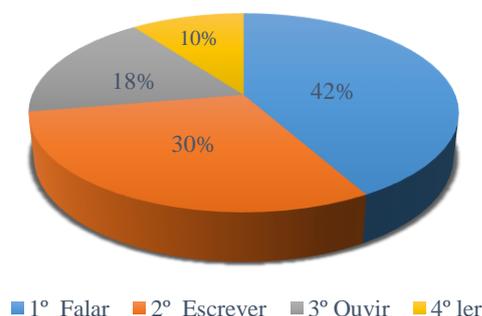
3. Resultados e Discussões

As limitações dos resultados referem-se à metodologia realizada nesta pesquisa, citada como ação metodológica executada na escola através de um plano de aula com alunos de 9ª ano. Uma pesquisa ação de abordagem qualitativa e quantitativa mostrando fatores que levou a perceber a importância deste tema que ainda precisa de continuação para apresentar uma solução favorável aos alunos. Além do fato deste público ser composto por pessoas em seu cotidiano escolar, não foi possível apresentar uma solução a eles, mas foi apontado um pequeno caminho para chamar atenção dos mesmos. Destaca-se a falta de compreensão oral no ensino aprendizagem que os alunos demonstraram durante a aplicação do projeto e no decorrer de seus estudos.

Conforme o questionário aplicado para os alunos, elenca-se os fatores que apontam dificuldades para eles nas aulas de acordo com gráfico abaixo:

Gráfico 1: Resposta do questionário aplicado para os alunos

Na sala de aula, o que você acha mais difícil?



Quando questionados sobre o que acham mais difícil em sala de aula dentre as opções de respostas, 42% dos alunos dentre os 37 presentes responderam que “falar” era mais difícil na aula, como os mesmos falaram em voz alta na hora da entrevista coletiva, foi pelo motivo de não saberem se as respostas dadas seriam corretas e medo dos outros colegas rirem por não saberem argumentar, lembrando que estavam todos de olhos vendados.

Os 30% responderam que escrever é mais difícil pelo fato de não saberem se posicionar e nem terem muita noção de como começar a escrever nem mesmo os próprios exercícios do livro didático pela falta de compreensão.

Os outros, 18% falaram que ouvir é mais complicado quando a bagunça reina na sala e acaba atrapalhando não só a aula de Língua Portuguesa como as demais aulas e 10% falaram que ler é mais complicado pela falta de costume e porque dá sono.

As dificuldades apontadas pela turma específica de 9º ano, são as mesmas das outras turmas que foram observadas também através dos estágios supervisionados que envolvem “*a fala e a escrita*”. O primeiro é a falta da oralidade em seu cotidiano pelo fato de não se exercitar ou não ter uma motivação fora da escola que no momento da entrevista falaram “*nunca tínhamos ouvido falar da palavra oralidade e nem sabíamos para que servia*”. Isso foi falado antes de ser exposto o conceito de oralidade e escuta, após conceituado se deram conta que sabiam o que era, mas não com a palavra oralidade, isto é, por falta de conhecimento e leitura prévia. A professora da turma se posiciona no questionário, com relação a essa pergunta que ela acredita que a habilidade mais difícil a ser trabalhada em sala é “*a compreensão oral*” de seus alunos e a mesma ainda complementa que uma das frustrações deles é não ter esse domínio de “*compreender oralmente*” o que é exposto, ela acredita que através da compreensão oral o aluno desenvolve sua competência linguística comunicativa.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular, diz que,

A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa (BNCC, 2018, p. 60).

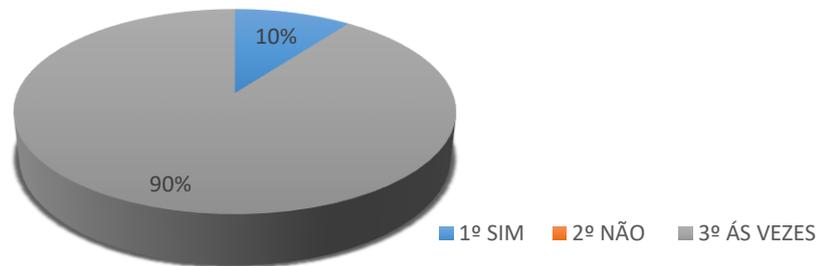
Já a segunda dificuldade referida a “escrita” é pela falta de leitura que os leva a reconhecer que não sabem escrever com coerência e quando escrevem, muitos ainda se sentem menosprezados por não estarem no nível daquele que aprendeu mais rápido, ou seja, pela falta de leitura e prática com a escrita.

Outra questão apontada através de um questionário para os alunos foi perguntar se os professores da escola aplicam provas e atividades orais, todos responderam que sim, é

exercitado a oralidade através de provas e atividades orais. Sabe-se que este método de aprendizagem é muito importante para o desenvolvimento dos alunos na base escolar.

Gráfico 2: Resposta do questionário aplicado para os alunos

O livro didático utilizado na sala de aula desenvolve atividades orais?



E quando foi perguntado a eles sobre o livro didático se “desenvolve atividades orais para que eles possam exercitar” 90% deles responderam que só “às vezes” quando eles têm que estudar para apresentar o conteúdo que está sendo estudado naquela determinada aula, a professora da turma afirma que sim, o livro didático desenvolve atividades voltadas para a oralidade como já mencionado pelos alunos, os demais não souberam responder.

Gráfico 3: Resposta do questionário aplicado para os alunos

O que você tem mais dificuldades para entender na sala de aula?



Percebe-se que as atividades escritas são apontadas por 65% deles como uma dificuldade para entender e pela falta de interpretação, os 35% dizem que as atividades orais são mais difíceis pelo motivo de falta de atenção e também quando a baderna começa ninguém mais se interessa em estudar naquela turma, fato esse confirmado por eles mesmo, até aqueles que ainda tentam se esforçar não conseguem, porque é a maioria que domina a desordem em sala, principalmente quando o professor está ausente.

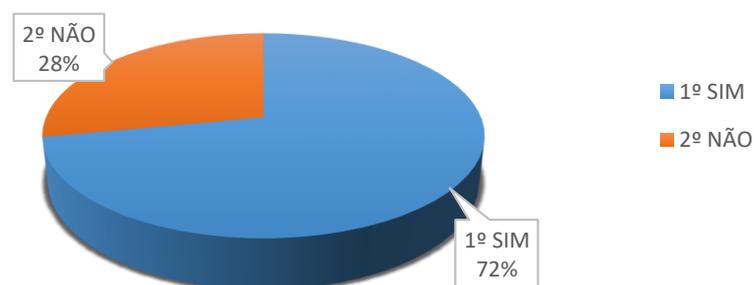
O que se pode apontar de concreto sobre essas dificuldades são, a falta de leitura, falta de se expressar de modo claro, desinteresse nas aulas, prática de escrita, a atenção deles enquanto o outro fala, sim eles têm dificuldades em prestar atenção enquanto alguém fala pois se distraem rápido demais. Percebeu-se mais claramente esta questão na hora em que foi trabalhado o exercício sobre diferenças regionais sendo exposto pelos colegas, o local fora da sala de aula foi a quadra e de vez em quando apareciam alunos de outras turmas que queriam chamar atenção fazendo barulho, desconcentrando a turma, e realmente querendo ou não, desfocavam da atividade.

Os fatores que levam a falta de interesse dos alunos em sala de aula é quando eles começam a ficar cansados por acharem a aula chata e cansativa, como eles mesmo falaram durante a entrevista *“a aula de língua portuguesa é muito cansativa e tem muita leitura e produção textual”*, pela preguiça ser maior e o sono também, o celular que tem uso proibido, mas eles usam do mesmo jeito, a falta de motivação da família e tantos outros fatores. Essa questão de a aula ser cansativa, foi muito focada pelos 37 alunos presentes, 30 falaram que só vão à escola porque os pais obrigam, levando em conta que esse fato já faz o aluno ir à escola com aquele desânimo.

O método utilizado dentro da sala de aula por não haver inovação também se torna mais um fator que causa desânimo, pois grande parte das aulas são expositivas cheias de conteúdo, às vezes quando encontra um tempo disponível a professora inova acrescentando o lúdico nas aulas, se fosse constante essa questão de inovação os alunos não apontariam como uma aula chata, mas seria prazerosa e participativa. Uma ideia boa seria se os educadores abordassem mais a oralidade e a escuta dos alunos, como por exemplo através do teatro, da música, dos ditados, seminários conforme a criatividade de cada um, isso dentro da aula de Língua Portuguesa e Literatura.

Gráfico 4: Resposta do questionário aplicado para os alunos

Já se sentiu desmotivado por não compreender o que está sendo falado durante as aulas?

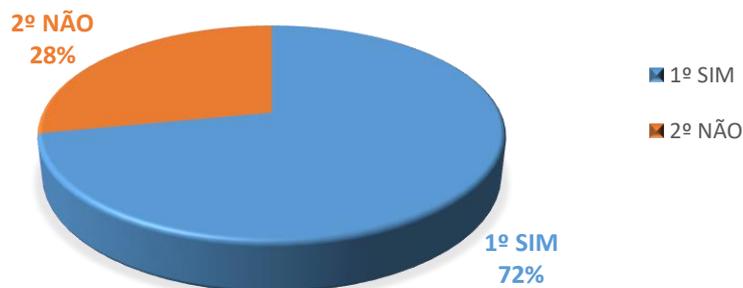


Dos participantes, 72% se posicionaram que já se sentiram desmotivados por não compreenderem o que está sendo exposto pelo professor e por receio de pedir que repita a explicação, muitos não tem coragem, ficam desmotivados e acabam se retraindo e a maioria acaba nem colaborando, percebeu-se essa problemática quando a exposição de variações regionais estava sendo exposta pelos colegas e como de costume alguns atrapalhando o momento, outros tímidos não querendo participar e os demais não entendendo a explanação e mesmo assim não pediam para ser explicado novamente.

Segundo a professora a compreensão oral é trabalhada em sala de aula através de “aulas com temáticas voltadas para o meio social, como o debate”, e a maioria dos alunos confirmam essa questão, a docente se posiciona dizendo que “para ter sucesso na oralidade deve haver prática. Essa prática não há em casa, a escola é apenas um complemento” e “a escola não possui condições básicas para a pratica da oralidade”.

Gráfico 5: Resposta do questionário aplicado para os alunos

Você acha que o aprendizado dentro da sala de aula lhe prepara para entender as dificuldades fora da sala?



De acordo com o gráfico 5, 72% se posicionam confirmando que o aprendizado dentro de sala de aula lhes prepara para enfrentar as dificuldades fora da sala, os 28% negaram que não saem preparados para enfrentar essa dificuldade fora daquele ambiente escolar, porque as exigências fora da sala vão além do que é ensinado em sala, a professora se posiciona dizendo que possui um objetivo para incentivar esses alunos enquanto estão estudando que é “capacitar os alunos a usar estratégias que possibilitarão o bom desempenho da compreensão oral”.

Diante da realidade constatada, percebeu-se que a questão não é só entender as dificuldades desses alunos sobre sua compreensão oral e escuta, é parar para trabalhar e ensinar com todo cuidado, pois sabe-se das dificuldades de cada um, agora não se trata só de apontar os culpados ou fazer vítimas, mas falar e compreender um pouco mais essas pessoas que estão tentando se esforçar para conseguir um futuro melhor.

Considerações finais

Neste artigo, objetivou-se entender as dificuldades dos alunos concludentes de ensino fundamental II na sala de aula no desenvolvimento da compreensão oral e escuta numa escola municipal de Tabatinga, e como resultado percebeu-se pouca motivação na escola, com isso, estratégias foram elaboradas para não perder o foco, então, não houve soluções para as dificuldades dos alunos onde se aplicou este projeto, mas foi possível apontar caminhos por onde devem seguir, como uma motivação a mais para eles, um tipo de alerta para se despertarem um pouco mais, pois é sabido que as dificuldades são difíceis de superar, mas não impossíveis.

O problema da compreensão oral no ensino aprendizagem e desenvolvimento dos alunos faz-se elencar de maneira clara e objetiva que é necessário trabalhar com flexibilidade as questões abordadas que é entender como a oralidade pode influenciar no processo de formação desses alunos, pois a maior parte deles foram praticamente obrigados a continuar na vida escolar, porque hoje em dia a exigência é maior e complicada, requer mais preparo e responsabilidade pela parte do jovem estudante que às vezes não consegue ter disponibilidade para estudar e praticar o que aprendeu na escola.

Em comparação com a fundamentação teórica, fica claro o quanto é importante a preocupação da compreensão oral na escola e como ainda é pouco trabalhada tornando-se cada vez mais preocupante. É importante ter em mente que os alunos precisam desenvolver suas habilidades orais que ainda estão escondidas tanto na comunicação quanto na escuta, mas não basta só ouvir tem que parar para escutar e em seguida oralizar e aprender a ter opinião própria e se pôr como um verdadeiro cidadão que opina dentro da sociedade, ter a capacidade de defender e expor seus pontos de vistas de modo claro e coeso durante as situações que aparecerão no percurso de toda a sua vida.

Portanto, finaliza-se com questões em aberto, demonstrando que é necessário encarar essa realidade não apenas como alunos, mas como cidadãos que estão prontos para encarar novos desafios que aparecerem, e mesmo que não vá solucionar, procurar se esforçar e apontar uma direção para aqueles que pensam que não existe mais solução, quando na verdade só não sabe por onde começar, os apelos expressos nos discursos dos alunos revelam fragilidade, que foi notado e precisam apenas de atenção e persistência e um bom incentivo para exercitar o diálogo entre os colegas e escutar realmente o que o outro fala.

Esse caminho deve ser apontado dentro de casa e incentivado na escola para quando sair, ser um formador de opiniões, pois é assim que devem ser os olhares para a educação do futuro, mas carece de ser focado agora no presente para poder ser colhido este resultado

futuramente. Lembrando que os verdadeiros orientadores dos jovens saem de dentro de casa, na escola o professor é apenas um mediador.

Referências

AMOR, Emília. Didáctica do Português - Fundamentos e Metodologias, 2ª edição, Lisboa, Texto Editora, 2001.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC, Brasília, DF.MEC/SEF,2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____, Paulo. Pedagogia da Autonomia, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

_____, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. 25.ed. São Paulo: 2002.

MARCUSCHI, L.A & DIONISIO, A.P. Fala e escrita. Recife: UFPE/CEEL, 2007.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

VIGOSTKY, L. S.A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Obras Consultadas

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT e VANCOUVER. - 18. ed. - Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2016.

_____, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT. - 17. Ed. - Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2015.

LOPES, Maria Indira Gomes. A oralidade como objecto de ensino e aprendizagem na aula de Português: 2º ciclo do ensino secundário. Uni-CV – Produção Científica, 2010.

PINHEIRO, Rui Diogo Faria. A compreensão da oralidade ao serviço da aprendizagem de línguas (Português e Espanhol). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017.